

## UM ASPECTO DA SUBOCUPAÇÃO POR INSUFICIÊNCIA DE HORAS TRABALHADAS: A ANÁLISE DO DESEJO DE TRABALHAR HORAS ADICIONAIS\*

Danielle Carusi Machado\*\*

Ana Flávia Machado\*\*\*

### INTRODUÇÃO

A subocupação é parte integrante da estrutura de mensuração da força de trabalho, sendo calculada com base nas capacidades correntes e na situação de trabalho das pessoas ocupadas. As estatísticas de subocupação são usadas para complementar os indicadores tradicionais sobre o mercado de trabalho: ocupação, desocupação e inatividade (segundo OIT, 1998).

O fenômeno de subocupação por horas trabalhadas reflete a subutilização da capacidade produtiva da população ocupada. Essa subutilização ocorre devido ao mau funcionamento do sistema econômico. Uma pessoa é classificada como subocupada quando deseja encontrar uma ocupação alternativa à que possui e nela se engajar. A subocupação por horas de trabalho existe quando a jornada de trabalho da pessoa ocupada é insuficiente em relação a uma alternativa ocupacional na qual a pessoa deseja trabalhar e está disponível para aceitar.

O volume da subocupação por horas de trabalho se relaciona ao tempo adicional que a pessoa nessa situação deseja trabalhar, estando disponível para isso durante o período de referência. Pode ser computado a partir das horas de trabalho que poderia trabalhar além das que efetivamente trabalhou na semana.

Na nova metodologia da Pesquisa Mensal do Emprego (PME), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), iniciada em 2002, existe uma pergunta específica para avaliar o desejo das pessoas ocupadas de trabalhar horas adicionais à sua jornada de trabalho efetiva. A partir dessa pergunta pode-se identificar um grupo de pessoas que não estão satisfeitas com a inserção na atividade econômica, em contraposição aos que se declaram satisfeitos. Dessa situação surgem questões tais como: há diferenças entre as regiões metropolitanas (RMs)? Insuficiência de horas trabalhadas está associada à insuficiência de renda no sentido de rendimento abaixo da média? Em que medida podemos associá-la à pobreza?

Recorrendo à PME para todas as RMs que compõem a pesquisa, somente nos meses de setembro de 2002 a 2006 selecionamos uma amostra de indivíduos ocupados com idade igual ou superior a dez anos. Analisamos os indivíduos que não eram pensionistas, empregados domésticos e parentes de empregados domésticos no domicílio e que apresentavam rendimento do trabalho principal.

Os indivíduos foram separados por RM conforme o seu desejo de trabalhar mais horas. Este é captado pela pergunta da PME: “ - ... gostaria de trabalhar além do número de horas que efetivamente trabalhou na semana de ../.. a ../.. (semana de referência)?” Em nossa análise, se o indivíduo responde que sim, significa que deseja trabalhar mais horas, sendo classificado como subocupado por insuficiência de horas.

\* Gostaríamos de agradecer a Elizabeth Belo Hypolito (IBGE).

\*\* Professora da UFF.

\*\*\* Professora do Cedeplar/UFMG e pós-doutoranda no IPC/Pnud.

## EVOLUÇÃO DO TOTAL DE PESSOAS SUBOCUPADAS<sup>1</sup>

A tabela 1 mostra os totais de pessoas ocupadas nas RMs que gostariam e que não gostariam de trabalhar mais horas que as efetivamente trabalhadas no mês de setembro de cada ano. No total das seis RMs, há 1,5 milhão de pessoas que estariam dispostas a aumentar a sua carga de trabalho efetiva. Esse total diferencia-se por RM e por ano.

Com relação à evolução do total de pessoas que desejavam trabalhar mais horas, observa-se que houve aumento de 40% de 2002 para 2003. Esse número, contudo, caiu nos dois anos seguintes, voltando a subir em 2006. Em termos de percentual de pessoas que desejavam trabalhar mais horas (gráfico 1), em 2002, 6,8% das pessoas ocupadas no total das seis

TABELA 1

**Total de pessoas ocupadas por desejo de trabalhar mais horas que as efetivamente trabalhadas por região metropolitana – setembro de cada ano – 2002-2006**

Ano	Não desejavam trabalhar mais horas						Total
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	
2002	1.032.351	1.179.181	1.687.616	4.315.621	7.110.801	1.420.207	16.745.778
2003	1.124.793	1.171.482	1.746.829	4.339.350	7.246.481	1.467.893	17.096.828
2004	1.185.911	1.109.670	1.843.726	4.667.288	7.649.659	1.521.670	17.977.922
2005	1.166.516	1.219.884	1.906.975	4.747.697	7.975.554	1.593.506	18.610.132
2006	1.135.337	1.239.680	1.918.187	4.895.654	8.185.562	1.672.966	19.047.385

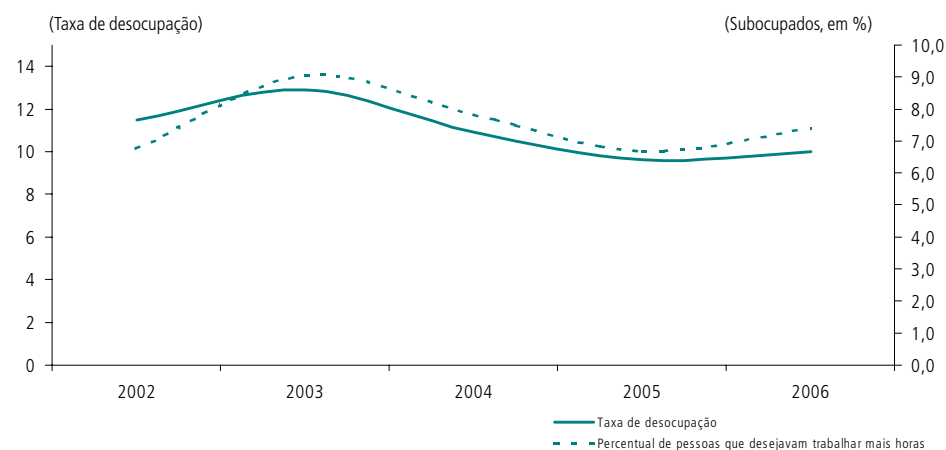
  

Ano	Desejavam trabalhar mais horas						Total
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	
2002	159.957	91.398	175.557	285.197	345.225	156.537	1.213.871
2003	142.477	94.628	216.623	471.494	625.561	152.624	1.703.407
2004	94.687	248.598	203.958	320.527	511.035	148.836	1.527.641
2005	109.050	183.111	198.601	262.678	461.161	120.716	1.335.316
2006	208.205	172.423	333.004	224.420	488.710	94.750	1.521.512

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PME.

GRÁFICO 1

**Taxa de desocupação e percentual de subocupados**



Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PME.

1. Para todas as tabelas apresentadas, elaboramos os coeficientes de variação com base no desenho amostral da pesquisa. Esses coeficientes de variação não são apresentados nesta versão, mas podem ser solicitados aos autores ou consultados na versão original do artigo que será apresentado no X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho (Abet), em novembro de 2007.

RMs desejavam trabalhar mais horas que as efetivamente trabalhadas. Esse percentual aumenta para 9,1% no ano de 2003, para depois decrescer continuamente até 2005. Em 2006, 7,4% das pessoas ocupadas gostariam de trabalhar mais horas.

É interessante notar que a tendência da porcentagem de pessoas subocupadas é similar à da taxa de desemprego. No ano de 2003, a taxa de desemprego aberto atingiu 12,9%, o mais alto da série analisada. Uma possível explicação é que, dado o baixo dinamismo do mercado de trabalho, expresso pelas oscilações na taxa de desocupação, as pessoas poderiam aceitar ficar ocupadas em um posto de trabalho não condizente com a sua qualificação. A insatisfação no trabalho poderia se refletir exatamente no desejo de trabalhar mais horas que as efetivamente trabalhadas.

### CARACTERÍSTICAS DA OCUPAÇÃO DAS PESSOAS SUBOCUPADAS

Com relação aos rendimentos-hora mensais (em logaritmo), na maioria das vezes, as pessoas que desejavam trabalhar mais horas eram também as que ganhavam menos em relação às pessoas que não desejavam trabalhar mais horas. As exceções ocorreram em Belo Horizonte em setembro de 2002 e 2005, no Rio de Janeiro em setembro de 2002 e 2003, e em Porto Alegre, em setembro de 2003 (tabela 2).

Como esperado, a grande maioria das pessoas que desejavam trabalhar mais horas estava inserida em ocupações que exigem, em maior medida, habilidades manuais e, portanto, requerem menor nível de escolaridade (tabelas 3 e 4). Enquanto em quase todas as RMs e anos analisados, a proporção de trabalhadores informais que desejavam trabalhar mais horas atingia 70%, esse indicador, para os trabalhadores que não desejavam trabalhar mais horas, na maior parte dos casos, não ultrapassava os 50%. Situação similar ocorria para os trabalhadores com qualificação manual, sempre mais representativos no grupo de pessoas insatisfeitas com a carga horária de trabalho mensal.

TABELA 2

**Rendimento médio mensal por hora das pessoas ocupadas por região metropolitana – setembro de cada ano – 2002-2006**

(Em R\$)

Ano	Não desejavam trabalhar mais horas						Total
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	
2002	3,49	3,58	4,09	4,95	5,58	4,80	4,93
2003	3,65	4,13	4,41	5,08	5,53	4,97	5,04
2004	4,03	4,58	5,42	5,51	6,15	5,80	5,64
2005	4,81	4,92	5,39	5,77	6,44	6,07	5,93
2006	4,59	5,37	6,30	6,14	6,80	6,39	6,32
Ano	Desejavam trabalhar mais horas						Total
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	
2002	3,19	2,58	4,40	5,98	4,09	4,51	4,40
2003	3,42	3,88	4,27	5,30	4,81	5,59	4,78
2004	2,77	2,96	4,26	4,51	4,95	5,42	4,35
2005	3,51	3,44	6,56	5,16	6,34	4,75	5,36
2006	3,80	4,06	6,01	5,86	6,67	5,50	5,64

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PME.

TABELA 3

**Percentual de pessoas cujo nível de qualificação é manual por região metropolitana – setembro de cada ano – 2002-2006**

(Em %)

Ano	Não desejavam trabalhar mais horas						Total
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	
2002	31,3	36,9	36,8	33,4	34,9	37,0	34,8
2003	30,7	36,6	37,6	31,8	33,6	37,9	33,9
2004	30,9	36,5	35,6	33,0	34,3	37,3	34,3
2005	32,6	36,2	36,9	32,8	35,0	38,1	34,8
2006	33,7	35,7	36,4	32,1	34,1	37,6	34,2

Ano	Desejavam trabalhar mais horas						Total
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	
2002	33,2	39,4	44,2	39,9	44,9	44,1	41,6
2003	38,4	45,6	42,8	31,0	42,4	46,5	39,5
2004	41,9	46,3	45,9	40,7	46,9	44,5	44,8
2005	42,8	50,4	50,1	40,3	44,1	49,6	45,5
2006	42,8	48,9	44,9	38,3	47,5	49,6	45,2

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PME.

TABELA 4

**Percentual de pessoas no setor informal por região metropolitana, setembro de cada ano – 2002-2006**

(Em %)

Ano	Não desejavam trabalhar mais horas						Total
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	
2002	49,6	49,3	42,1	45,8	42,3	41,5	44,0
2003	52,8	48,1	43,4	46,2	44,3	42,0	45,3
2004	50,4	48,3	42,8	47,1	45,5	40,9	45,7
2005	49,2	48,6	42,3	47,0	43,8	40,8	44,8
2006	48,4	46,6	41,4	46,5	42,1	40,2	43,7

Ano	Desejavam trabalhar mais horas						Total
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	
2002	71,7	71,0	65,8	65,5	63,2	61,4	65,6
2003	75,4	69,4	69,2	65,1	69,6	64,8	68,3
2004	82,8	71,6	71,1	70,5	72,2	66,8	71,7
2005	74,2	72,8	66,5	65,5	64,7	65,1	67,0
2006	76,3	69,5	65,2	69,5	70,6	67,1	69,7

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PME.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A subocupação por insuficiência de horas de trabalho é um fenômeno pouco estudado no caso brasileiro. Os dados, no entanto, mostram que o percentual de pessoas ocupadas insatisfeitas com a jornada de trabalho é de 10%, correspondendo a um total aproximado de 1 milhão de pessoas. No período estudado, houve decréscimo dessa parcela de trabalhadores,

após aumento significativo em 2003, o que impediu que a proporção de subocupados voltasse ao nível de setembro de 2002.

Considerando as questões propostas por este trabalho, podemos, em primeiro lugar, afirmar que existe, sim, uma diferença regional relativa à subocupação. Recife é a RM de maior proporção de subocupados, ao passo que São Paulo é a de menor. Em alguns anos, Salvador se apresenta na mesma posição de Recife.

Em segundo lugar, há, sim, uma relação entre insuficiência de horas trabalhadas e insuficiência de renda. As pessoas que desejam trabalhar mais horas são as que apresentam menores jornadas e, nessa condição, recebem rendimentos mais baixos. E essa relação é ainda mais nítida nas metrópoles nordestinas.

Embora não tenhamos introduzido nenhuma medida de pobreza, o fato de a subocupação prevalecer em Recife e em Salvador *vis-à-vis* as outras metrópoles analisadas, de estar sobre-representada entre os de menor nível de rendimento e entre os ocupados no setor informal, em ocupações manuais, é uma evidência da associação entre essa condição de ocupação e a de pobreza.

### REFERÊNCIAS

IBGE. Pesquisa Mensal do Emprego. *Série Relatórios Metodológicos*, v. 23. Rio de Janeiro, 2002.

OIT. Resolução relativa à medição do subocupação e das situações de emprego inadequado. XVI CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DAS ESTATÍSTICAS DE TRABALHO. Genebra, out. 1998. *Relatório*. Disponível em: <<http://www.ilo.org>>. Acessível em: julho de 2007.